

OBSTÁCULOS DE ENVELHECER NA MODERNIDADE

Data de aceite: 01/06/2023

Sarah Stefani Fernandes Lemonie

Quando olhamos para o passado, é possível obtermos uma perspectiva saudosa quando posta em análise a virtude do envelhecer. Tidos como verdadeiros líderes dentro das comunidades, os que contavam com mais primaveras possuíam estima social por serem os guardiões do conhecimento ao longo das gerações, através do mecanismo da oralização. Entretanto, hodiernamente, se digitarmos “idoso” nas páginas da internet, obteremos ofensas crassas, como “decrépito”, “caduco” e, pasmem, “obsoleto”, além de infeliz sequência de notícias de violências perpetradas contra essa comunidade. Note-se, portanto, que o imaginário brasileiro sobre o envelhecer foi carcomido e hoje resulta em infames atos de displicência e desrespeito aos mais básicos direitos da população idosa. Tal constatação tornar-se-á gravemente problemática quando, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, contarmos com

uma população brasileira composta de 25% de pessoas idosas em 2060.

Tal relação construída do idoso com a obsolescência é causada pela disparidade tecnológica que impera entre os mais jovens e os mais experientes, responsável por orquestrar um ambiente agudo de discriminação: o hetarismo - preconceito com idade. Afinal, o excesso digital constrói indivíduos apressados, ansiosos com o futuro e egoístas, que buscam identificação a todo momento e que, portanto, não tomam como valiosa a interação com quem julgam não alimentar o apreço moderno pela tecnologia: os idosos. Sendo mais difícil desconstruir um átomo do que um preconceito, como sabiamente alegou Einstein, agrega-se o fator “violência” a esse infortúnio. O envelhecimento é um imperativo mundial. As pessoas aprenderão sobre o envelhecimento, quer as ensinemos ou não, mas muitas vezes o que aprenderão sobre esse processo será baseado em crenças errôneas. A educação para o envelhecimento pode ajudar a dissipar crenças equivocadas, estereótipos

e informações enganosas que, muitas vezes, caracterizam o conhecimento dos indivíduos sobre esse processo. Sendo a sociedade fruto das interações nela contidas, segundo o sociólogo Georg Simmel, a agressão supracitada explica-se pela qualidade das relações mantidas entre o grupo em questão. São tidos como não atualizados - por conseguinte, não há valia em escutá-los. Uma vez que não são mais produtivos ao sistema, não são vistos, e, substituída sua função de detentores da sabedoria pela democratização do acesso à internet, tornam-se meros incômodos à família moderna. Tal pensamento justifica-se na consciência social, no próprio conceito de Hannah Arendt acerca da banalização do mal - o ataque, este diverso no seu tipo, à população idosa.

Todavia, quão contraditório é machucar quem susteve a transmissão da cultura ao longo da existência humana, depredar a dignidade física, psicológica e financeira dos que um dia tiveram como uma das principais responsabilidades a criação de indivíduos, e ferir com o não cumprimento de seus direitos quem participou ativamente, por décadas a fio, do giro da economia? Mais questionável se torna ainda o cenário quando os próprios agressores atuais são cada vez mais propensos a atingirem o estado daqueles que agridem. Os avanços médicos na qualidade de vida encontrarão progresso irrefutável, enquanto a urgência do mundo fará com que se mingue gradativamente o volume familiar - realidade confirmada pela Organização das Nações Unidas, que, segundo relatório, afirma já existirem mais idosos do que crianças de 0 a 4 anos de idade no mundo.

É imperativo que tal desequilíbrio na conduta da sociedade brasileira seja combatido urgentemente, para garantir a plenitude devida à população idosa e consolidar o futuro sustentável de todas as outras. Para isso, é preciso reconstruir o imaginário carcomido brasileiro, com valores baseados no respeito e independência do idoso. Um exemplo a ser seguido seria a ONU, que declara o período de 2021 a 2030 como “Década do Envelhecimento Saudável” para promover ações em prol dessa comunidade e ressignificar crenças injustificáveis.

Desta forma, cabe ao MMFDH (Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos) observar a necessidade do retratamento cultural e, junto ao Ministério da Economia, por meio do poder legislativo, criar incentivos econômicos em âmbito nacional para os empresários do ramo da construção civil, a fim de possibilitar a existência de empreendimentos domiciliares e de lazer com foco na integração entre a população idosa e as demais, que resultará no estreitamento de laços e identificação necessários para mudanças na percepção sobre a pessoa idosa. Além disso, investimento e políticas públicas educacionais para as crianças e adolescentes nos estados e municípios podem ser uma alternativa válida para garantir a intergeracionalidade. Para cessar a violência, é preciso que o Ministério da Justiça promova melhor fiscalização da penalização de quem comete abusos contra essa população e, junto ao MMFDH, distribua verbas para melhoramento das Instituições de Longa Permanência (ILPI) públicas e Centros Dia, assegurando que as pessoas idosas não mais permaneçam em ciclos de violência dentro da família. Para finalizar, o Ministério da Cultura precisa

realizar parcerias com os meios privados de cinematografia para melhor retratar as figuras idosas. Com tal medida, junto às anteriormente citadas, teremos respeito, dignidade e mudança de perspectiva sobre os mais longevos.